

## ■ Dionora. Para uma Arquitetura Menor

.....Patricio del Real

*Não deve surpreender-nos que num mundo assim, onde os mais belos jovens tinham sido reproduzidos nus e num tamanho gigantesco, por todos os lados, se desencadeasse uma virulenta febre de ninfomarmáticos e ninfomarmóreas.*

**Reinaldo Arenas**

Dionora domina o terraço do seu edifício. Há muito já que se mudou para a açoteia de uma antiga construção de *Habana Vieja*: “Fui a primeira moradora”, diz com uma voz forte e segura, “deste ‘palácio’, antes da Revolução” – em Havana, todas as casas velhas se transformam em palácios. Ostentando uma atitude senhorial, conta como “alargou ao terraço” o seu espaço “depois de a moradora se ter ido embora do país”. Defensora das conquistas da Revolução, admite também os seus malogros, mas adverte-me que não pense que o estado ruinoso do edifício se deve à negligência, que não vá dizer “lá fora” que o que aqui se vê é sinal de um fracasso colectivo. Dionora é combativa; vive há muito tempo já uma batalha quotidiana: litígios com os vizinhos devidos às infiltrações constantes; negociações no mercado negro enquanto procura materiais para prosseguir a sua expansão permanente sobre as açoteias de Havana. Dionora combate para conservar o seu pequeno estado matriarcal. Embora defendida por um sistema legal e ético, Dionora luta contra uma cidade colonial que está a ser objecto de saneamento e posta ao serviço do turismo internacional desde que foi declarada pela UNESCO, em 1982, Património da Humanidade. As recentes transformações do Estado cubano, a legalização da propriedade privada em finais de 2010, com o objectivo da inserção do espaço urbano num mercado imobiliário nascente, geram novos conflitos para aqueles que, como os construtores de *barbacoas*<sup>103</sup>, vivem intensamente o património histórico da nação cubana; por detrás das pressões do

---

103 As *barbacoas* – por vezes consideradas como “favelas interiores” – são plataformas ou tablados construídos aproveitando os “pés direitos” muito altos de velhas casas, cujo resultado é subdividir e reordenar os espaços interiores, fornecendo alojamento a um grande número de elementos da população de Cuba. (N.d.T.).

mercado internacional perfila-se a geografia económica nacional e consolida-se a imagem do “cubano” através de uma arquitectura colonial consumida por turistas.

No Rio de Janeiro, a batalha pela cidade assumiu dimensões olímpicas. Recentemente, o presidente do Comité Olímpico Internacional, Jacques Rogge, reclamou a “urbanização” das favelas do Rio. Rogge declarou que um grande investimento em infra-estruturas seria qualquer coisa de “fantástico”<sup>104</sup>. Por detrás da soma delirante, calculada em mais de cinco mil milhões de dólares, de um projecto fantasista, esconde-se o ditame de urbanizar – ou seja, de produzir um sujeito urbano. Os recentes projectos de arquitectura e urbanismo no Rio revelam uma cidade sequestrada pelo Olimpo, na qual os mecanismos internacionais são usados para expulsar (“relocalizar”, na boa gíria burocrática) sujeitos incivilizados em operações menos espectaculares do que as recentes incursões paramilitares em favelas transformadas, através da imprensa e da televisão, em baluartes do tráfico internacional de drogas. Os construtores de favelas já não têm apenas de combater quotidianamente situações e organismos locais; hoje, é-lhes necessário ainda inserirem-se em circuitos internacionais e defenderem, através de organismos como a Organização dos Estados Americanos, reivindicações locais, não esquecendo que tais instituições possuem os seus próprios mecanismos de ofuscação<sup>105</sup>. A situação relocalizou as favelas do Rio, uma vez que o olhar internacional as deslocou para o sector dos desportos. A visão das favelas, apresentada nas páginas internacionais e de desporto, produz uma ofuscação populista entre espectáculos de violência real e violência ritualizada. Este modo de apresentar a questão, que tenta conter e localizar o problema como sendo o da existência de focos de intensidade urbana malsã, faz-nos esquecer que é o sujeito urbano, que Rogge deseja, que materializa o tráfico de drogas, e que as supostas redes internacionais têm a sua contrapartida nos consórcios internacionais das empresas farmacêuticas que possibilitam os escândalos olímpicos do *doping*.

“*You don't need these*”, dizia Encarnación num inglês refinado aos agentes da polícia da cidade de Nova Iorque; “não faço mal a ninguém”, continuava, entregando-lhes as algemas que, deslizando, lhe tinham caído das mãos pequenas. Há mais de 10 anos que Encarnación vende *tamales* a um dólar em Harlem, a

---

104 <http://www.portal2014.org.br/en/news/6917/PRESIDENT+OF+THE+IOC+SLUMS+URBANIZATION+BEFORE+2016+RIO+OLYMPICS.html> (Consultado em dezembro de 2011).

105 Por exemplo, é impossível encontrar a referência a estes conflitos na página web da OEA, organismo que pretende defender tanto os direitos privados como humanos. Ver: <http://www.cidh.oas.org> e [http://www.usatoday.com/sports/olympics/2011-02-23-rio-de-janeiro-slums-humans-rights-2016-Olympics\\_N.htm](http://www.usatoday.com/sports/olympics/2011-02-23-rio-de-janeiro-slums-humans-rights-2016-Olympics_N.htm)

trabalhadores, a estudantes, ao autor deste texto, a menos de um quarteirão de distância de um *McDonalds*, onde se fala espanhol. Encarnación vivia no Estado de Guerrero, no México, “com um telhado de folhas de palma e paredes de adobe”, e, como muitos, veio para os Estados Unidos para melhorar a vida dos que ficaram no seu país<sup>106</sup>. Encarnación também melhorou Harlem; a sua pequena banca móvel (um carrinho de supermercado) à boca da estação de metro, junto a um pequeno parque, acabou por desenvolver ao longo de muitos anos uma pequena zona comercial efémera, onde, dependendo do dia e do tempo, se podem encontrar fruta, flores, bijutaria e até mesmo artigos de segunda mão. Esta forma de pressão sobre o uso correcto e oficial da cidade provocou a acção policial directamente sofrida por Encarnación, mais como um aviso destinado a lembrar quem realmente manda do que da efectividade de um poder que tem de negociar com uma economia estratificada e, assim, usar múltiplas estratégias de cooptação. As acções urbanizadoras da polícia de Nova Iorque não são tão espectaculares como as do Rio – as detenções efectuadas pela polícia da cidade são, em geral, bastante silenciosos. Menos violenta ainda é a política oficial de beneficiação estética da cidade (Arts in the Parks Program), que instala, temporária mas ruidosamente, esculturas nos parques da cidade, urbanizando assim uma cidade já urbana e que, em certas ocasiões, se sobre-urbaniza. As ovelhas de bronze do escultor Peter Woytuk, que disputam agora com Encarnación o pequeno parque, não serão, sem dúvida, detidas<sup>107</sup>.

Em Havana, Rio de Janeiro e Nova Iorque, nestas três cidades tão diferentes, como em tantas outras, entretecem-se relações de poder no espaço urbano que desdobram um leque de desejos locais e internacionais, sob uma globalização que mobiliza e põe a produzir todos os estratos sociais e económicos. Pequenas acções, como vender um *tamal* a um dólar, mobilizam estratégias que revelam mercados paralelos em Nova Iorque (evitemos andar por aí a dizer que o mercado negro só existe no Terceiro Mundo), que, como em Havana ou no Rio, melhoram um certo número de vidas. O desejo de uma vida melhor transformou-se num imaginário colectivo que, nas suas pulsações globais, transcende qualquer geografia. As infiltrações contra que Dionora batalha na sua açoteia, manifestam um mundo de fendas através do qual a informação se globaliza e se democratiza. Este uso intenso do espaço urbano revela uma cidade conectada, articulada em redes internacio-

---

106 Sobre a sua história, ver: <http://www.nypress.com/article-20390-the-tamalera.html>

107 Ver <http://www.nycgovparks.org/art> Estas esculturas são efémeras, o que significa que não são permanentes; no momento em que escrevo este ensaio, encontram-se no parque duas ovelhas de bronze, Sheep Pair, do escultor Peter Woytuk. Ver <http://www.woytuk.com/archives/gallery/the-new-york-sculptures/>

nais, tanto legais como alheias à realidade oficial, activadas por um sujeito local que navega essas intensidades segundo os seus desejos e necessidades, produzindo múltiplas cidades dentro e fora dela. A cidade é uma zona de contacto intenso e expansivo onde o desejo encontra a sua forma. Surge aqui uma clara contradição, porque a intensificação dos contactos e a expansão das redes manifestam uma heterogeneidade que fragmenta a totalidade implícita na ideia de cidade. É, portanto, necessário falar, não de cidade, mas de *cidades*. Esta necessidade de falar no plural, assinalada há já algum tempo por Michel de Certeau, entre outros, e de romper com a ideologia da universalidade na qual se esconde ainda a tática de reduzir “o outro”, continua a ser um obstáculo para os que tentam articular meta-geografias, como a que a noção de *Ibero-América* supõe. Esta noção, e a relação histórico-cultural iniciada pela colonização espanhola e portuguesa a que a noção implicitamente se refere, articula um território possível de diferença e resistência, mas que se dilui com Encarnación, que articula outra comunidade, que não é só aquela que vive nos Estados Unidos, mas a que vive nos fluxos migratórios de uma força de trabalho “liberalizada”. Inserir trabalhadores deslocados no quadro de geografias culturais particularistas parece ser um acto comprometedor, uma vez que os nigerianos na Península Ibérica, que não participam dos benefícios culturais de uma ideologia ibero-americanista, por exemplo, sofrem do mesmo modo que os equatorianos que hipoteticamente poderão mobilizar uma suposta cultura comum como se fosse uma carta de chamada. A mobilização do termo e da ideia de uma comunidade ibero-americana pode ser um acto de reivindicação, mas a ideia esconde uma consagração implícita de valores e tradições que reclamam unidade de espírito e transformam a história e a cultura em essências, por mais que as fragmentemos em pluralidades. A noção de Ibero-América depende da ideia de território; esta convergência entre espírito e território manifesta-se hoje como sintoma do retraimento e alargamento do Estado frente ao mercado internacional. Deve ter-se presente que o imaginário luso-tropicalista do brasileiro Gilberto Freyre, que serviu para exaltar as bondades do colonialismo e da ditadura num momento de debilidade democrática no chamado Terceiro Mundo, serve como advertência perante qualquer meta-geografia que insista em articular oposições e exclusões. Creio ser hoje mais importante falar de uma rede de cidades do que de territórios, uma vez que a crescente urbanização agenciada actualmente pela expansão do mercado internacional reclama de nós novos imaginários geográficos. A chamada comunidade transnacional ibero-americana exerce as suas próprias exclusões, e se há alguma coisa que da globalização devamos recuperar, é precisamente a sua força de inclusão. Assim, devemos minorizar a Ibero-América.

Hoje, *ranchos* como os de Caracas<sup>108</sup>, que antes não figuravam nos mapas, são cadastrados e incorporados na cidade; no Rio de Janeiro, pode fazer-se um circuito turístico pelas favelas; as *barriadas* de Lima integram-se plenamente no mercado imobiliário, de acordo com o ideário do economista peruano Hernando de Soto. As acções de uma “linguagem imperial” de “urbanização” passaram ultimamente a tomar por objecto lugares anteriormente inexistentes, excluídos ou demonizados. A cidade é rearticulada hoje enquanto corpo orgânico, quer dizer, como um total diferenciado, não desprovido de conflitos, mas necessariamente funcional sob a globalização. Esta rearticulação, ainda em processo, manifesta-se a diferentes escalas. Em Bogotá, Caracas e Rio, os bairros pobres de Santo Domingo, San Agustín e Alemão respectivamente, foram incorporadas no tecido urbano através de elegantes funiculares, e, em certos círculos de arquitectura da Ibero-América, encontramos um interesse pontual e renovado pelos processos ditos informais, que dão origem a favelas, *ranchos*, *villas miserias*, *barbacoas*, *barriadas*, *tapancos*, *chabolas*, *pueblos jóvenes*, *shanty towns*, *slums*, *bidonvilles* etc. Estabelecem-se assim momentos de contacto, de fascínio e de desejos, entre o marginal e a arquitectura.

A constante luta dos habitantes das favelas do Rio de Janeiro esforçando-se por melhorarem as suas vidas é uma fonte de admiração e estupefacção para arquitectos que propõem intervenções críticas e para ateliers de escolas de arquitectura que tentam introduzir novos temas, com o objectivo de promoverem a renovação de uma disciplina já comprometida com o poder e de uma profissão cega por uma espectacularização sob a tutela dos *starquitects*. Das condições extremas – extremadas pela intensidade daqueles que as vivem e pela distância daqueles que não a sofrem –, os arquitectos recuperam um agenciamento inventivo do presente e do agora, executado por sujeitos marginais investidos de uma certa inocência e de uma criatividade intensa. O desdobrar-se de estratégias construtivas *ad hoc*, deste *bricolage* material e produtivo, solicita o interesse e a admiração, e mobiliza um estranho humanismo que reclama a nossa compaixão e a nossa inveja, revelando a profunda transformação conceptual que os ranchos sofreram. Se antes as *villas miserias* eram cancro a ser extirpados, são hoje imaginados como padrões urbanos alternativos, construções sociais de onde emergem propostas vernaculares de um “lugar” possível contraposto ao espaço abstracto da cidade moderna. Hoje os processos de construção das *barbacoas* revelam novos procedimentos de projecto para uma arquitectura sobrecarregada pela tecnologia e reduzida à sub-

---

108 Um rancho, na Venezuela, é uma construção improvisada, utilizando materiais usados e pobres, como as que encontramos nos chamados “bairros de lata”. Este tipo de construção proliferou em Caracas, sobretudo a partir da década de 1960 (N.d.T.).

jectividade do seu autor. Nestes espaços marginais, alguns descobrem um processo de construção de comunidade enquanto acto social reivindicativo e processo de projecto de resistência; aos dois níveis, social e pessoal, surge aqui como que uma alternativa aos discursos hegemónicos da globalização. A sedução em causa não é nova, possui uma já longa tradição, que, desde o século XIX, tenta reintegrar uma tradição enraizada nas forças descontextualizantes da modernização: trata-se da luta que encontramos em Dionora, quando, armada com baldes de cimento e pequenas vigas de ferro, madeiras e pás, menoriza a subjectividade de género do “construtor”, que a própria linguagem prefigura como sujeito masculino. Como já observou a crítica Eve Kosofsky Sedgwick, dos Estados Unidos, a recuperação do não-oficial liberta um fluxo de desejos escondidos. As incursões paramilitares nas favelas do Rio revelam os complexos combates de género de um lugar já altamente politizado. As intervenções dos arquitectos nos *ranchos* desarticulam os desejos de masculinidade da arquitectura?

A dualidade persistente entre tradição e modernidade foi forjada na arquitectura por um modernismo que desejava ser a linguagem oficial do moderno. Os bairros degradados não podem ser reduzidos a sonhos românticos, a espaços vernaculares de sociabilidade pré-capitalista, numa tentativa visando reproduzir lugares de resistência ao mercado internacional; também não podem ser reduzidos a espaços de um capitalismo selvagem dominados e espectacularizados pela violência; não são lugares de resistência ou espaços de violência, mas constituem âmbitos nos quais descobrimos resistências e violências; por outras palavras, são lugares reais e actuais, não imagens para deleite ou horror de um consumidor afectuoso ou hostil, embora nos dois casos igualmente distante. Neste sentido, qualquer tentativa de articular uma relação entre uma urbanidade intensa de emergência e uma arquitectura emergente na Ibero-América requer a identificação de um momento de inflexão histórica. A valorização de espaços produzidos à margem, ainda que sempre ligados ao mercado, à cidade, à arquitectura, marca a nossa particularidade histórica. Trata-se de uma postura sintomática de um mundo heterogéneo, e também de uma mudança cultural, em que já não vemos, nas suas vastas extensões urbanas, o “atraso da nação”, como se dizia nos anos 1950 a propósito dos *ranchos* de Caracas, mas o seu futuro. A capitalização da cidade tornou-se extensiva; mas se se valoriza a experiência vivida pelos residentes dos bairros pobres, se se valorizam os processos de construção, o uso dos materiais que aponta para uma criatividade do sujeito marginal, devemos perguntar também onde terminam os contornos desta valorização. A coincidência dos valores de mercado e dos valores produzidos nos *ranchos* está ainda em gestação. As

narrativas anteriores, que descreviam a injustiça social no interior de um quadro nacional de cidadania, são hoje reformuladas no quadro da economia, duplicando-se a todos os níveis, da gestão dos recursos naturais (ecologia) à correcta administração do doméstico (*oeconomia*) e do pessoal.

É importante, por isso, perguntar que valores hoje aqui descobrem os arquitectos. A obra persistente de Jorge Mario Jáuregui – insistindo durante 15 anos sobre as favelas do Rio através do Programa Favela-Bairro – obteve ressonância e constituiu-se como modelo para a Ibero-América. Trata-se, contudo, de um trabalho que causa também desorientação, uma vez que, sem menosprezo da magnífica e necessária obra realizada, depende da figura do arquitecto como profissional-especialista que reconcilia os desejos dos moradores dos bairros com o poder. A capitalização da arquitectura social, embora não completamente consolidada, efectuou-se já na Sétima Bienal de Veneza sob o título *Less Aesthetics, More Ethics – Menos estética, mais ética*, e, mais recentemente, no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, com a exposição *Small Scale, Big Change*. O que estou a tentar articular aqui são os limites tanto do fascínio que hoje exerce sobre os arquitectos a necessidade sofrida pelos construtores de tapancos<sup>109</sup>, como os limites de um olhar que responde a uma pergunta tautológica, uma vez que, nesse fascínio e nesse olhar, os arquitectos ou se descobrem a si próprios, ou se descobrem arquitectos “menores”, e deparamos aqui com um impasse. A pergunta é unidireccional – de quem olha quem – tentando abrir assim um espaço teórico. Porque aquilo que importa, se quisermos continuar a reclamar benefícios das baracas, não é vermos como os construtores de *pueblos jóvenes*<sup>110</sup> são arquitectos em ponto pequeno, mas como as suas acções menorizam a arquitectura. É fácil descobrir arquitectura nas *shanty towns*<sup>111</sup>, mas é mais difícil descobrir *shanty towns* na arquitectura. Proponho que retomemos o processo de capitalização efectuado em Veneza, no sentido em que o limite da valorização das favelas – quer dizer, o que não se trata de valorizar nas favelas – deve ser precisamente a estética que exibem. Daí que, em Veneza, se tenha insistido mais na ética, a fim de prevenir o colapso da arquitectura sob os seus próprios valores estéticos.

---

109 O tapanco designa originalmente, no México, um piso que se constrói sob o telhado, por cima do tecto ou falso tecto das outras divisões (N.d.T.).

110 Designação peruana de aglomerações de construções precárias, que surgem na periferia das cidades, e cuja população é composta quase integralmente por negros, índios e ex-camponeses mestizos (N.d.T.).

111 Bairro precário e muitas vezes clandestino, como o “bairro de lata”, o bidonville, os *pueblos jóvenes*, a favela, a barriada etc. (N.d.T.).

As recentes e magníficas arquiteturas de Bogotá e de Medellín – como, por exemplo, a *Biblioteca España* de Giancarlo Mazzanti, na segunda destas cidades – abrem um diálogo complexo que mobiliza os contrastes: uma clara estética arquitectónica de elite sobrepõe-se à estética convulsa do *slum*<sup>112</sup> de Medellín. Articula-se assim uma arquitectura cívica de elevado valor, tanto financeiro como estético. Em Santiago do Chile, Alejandro Aravena, com o concurso das soluções de construção “elemental”, integra estratégias de crescimento gradual, incorporando assim uma temporalidade presente nos *bidonvilles* e estratégias de construção elaboradas durante a década de 1950, por exemplo, no Norte de África sob o regime colonial francês. Mas o que importa é perguntar se as estratégias e os discursos fluem nas duas direcções: quer dizer, se podemos descobrir na arquitectura de Aravena ou de Mazzanti essa informalidade que hoje exerce tanto fascínio; descobrir os *ranchos* nas Torres Siamesas do Campus San Joaquín da Pontificia Universidad Católica do Chile; se podemos descobrir as *viilas miserias* num dos bastiões do poder na Ibero-América; se a estética da emergência aparece na arquitectura ibero-americana emergente – uma arquitectura que começa a transbordar do seu limite geográfico, não como curiosidade do momento, mas como arquitectura menor.



Crédito da imagem: Dionora, fotografia de Patricio del Real.

As incursões de arquitectos nas *barbacoas* minorizaram a arquitectura. A polivalência material, a utilização de diversos materiais tradicionalmente precários, como o tijolo e a madeira; a revalorização dos processos de construção informais ou primitivos, como o adobe – como na Escuela de Artes Visuales de Oaxaca, no México, de Mauricio Rocha –, revelam as atitudes da arquitectura

---

112 Ver a N.d.T. anterior (N.d.T.).

emergente. A preferência por estratégias informais é condicionada por uma tendência já bem estabelecida para a experimentação material em arquitectura. Assim, a articulação material não é necessariamente uma menorização da arquitectura. Talvez seja, portanto, mais produtivo tornarmos a insistir no campo da estética, uma vez que a estética de elite resiste a incorporar a emergência. Se examinarmos a produção arquitectónica que se contém na casa unifamiliar da Ibero-América, descobriremos que nada nela emerge. A casa unifamiliar revela-se como o grande baluarte de uma classe social tradicionalista hoje protegida por um cuidado e sufocante minimalismo estético. As múltiplas versões daquilo a que podemos chamar “a gaiola” de vidro, cimento ou madeira – muitas vezes desvirtuada por combinações de materiais ou geometrias decorativas postizas – exprimem o tédio, a leviandade intelectual e a ausência de valores comunitários dos seus proprietários. Estes cubículos da versão estética oficial, espaços de abstracção minimalista, são máquinas de fuga potenciadas pelos arquitectos – pois, quem desejará viver num estado de constante fragmentação como o das *barriadas*? Mas são também espaços de poder, onde se reproduzem os valores de uma sociedade desigual e tradicionalista no pior sentido da palavra, como é o caso com o ainda muito vincado paternalismo da região. O elitismo que circula com insistência nas revistas de arquitectura e a compartimentação das construções informais no interior de uma emergência que não vê a sua contribuição estética, não fazem mais do que confirmar que a região continua a ser a mais desigual do mundo. Após as repetidas incursões no mundo da informalidade, a arquitectura na Ibero-América não foi capaz de articular um projecto coerente de arquitectura menor. E se a incursão nas favelas radica somente na capitalização de uma economia de valores imobiliário e humanitário, reduz-se consequentemente a valorização e o efeito saudável que aquelas podem ter sobre uma arquitectura que depende ainda da estética do poder.

Mas a resposta não está nem nos proprietários, defensores dos seus próprios interesses, nem nos arquitectos, porque ao fim e ao cabo o simples construir já é suficientemente difícil: o problema radica na ausência da crítica da arquitectura – mas que arquitecto ou proprietário deseja que a sua obra e o seu investimento financeiro e estético seja desvirtuado por subtilidades intelectuais que, embora também difíceis de construir, a poucos interessam? Não devemos esquecer que só o meritório merece ser criticado, pois o que interessa é a crítica produtiva, a crítica que trabalha. Como tantas outras casas difundidas por revistas ibero-americanas, a elegante Casa Poli dos arquitectos Pezo von Ellrichshausen (PvE), inaugura, numa falésia da costa chilena, a convergência de uma casa de férias com um centro cultural, que, como um cubo caído do céu, tenta fazer esquecer o

preço ecológico que estas arquitecturas implicam – não só devido aos processos de construção que alteram o ambiente, mas também, e em primeiro lugar, pela contaminação abstracta que a sua capitalização estética exerce sobre o quadro natural. A estética da paisagem, tão elegantemente elaborada pela equipa chileno-argentina de arquitectos através das elegantes vistas sobre o Oceano Pacífico que perfuram o cubo, articula uma manipulação visual que insiste na definição artístico-estética da palavra *paisagem* – uma definição que esquece por força a sua relação com um terreno que o camponês trabalhou arduamente, sem contemplação, mas com a sua própria naturalidade estética. O império do visual desdobra-se na imagem, produzindo uma arquitectura facilmente capturada pelas revistas. A estética do camponês já foi capturada pelo romantismo no século XIX, e hoje, na Ibero-América, resiste a esta nova forma de incorporação.

A partir da convergência entre o visual e o terreno, do confronto entre a paisagem e o camponês, da união entre o olhar do autor e a mão da sua antítese, do contraste máximo entre a obra na falésia dos arquitectos PvE e a açoteia de Dionora, podemos elaborar uma tentativa de arquitectura menor. Devemos começar por recusar qualquer tentativa de definir as favelas como arquitectura, uma vez que essa incorporação discursiva esconde a hierarquia operacional de valores estéticos ainda bem instalada na arquitectura, e desarticula qualquer tentativa possível de elaborar uma arquitectura menor, uma vez que, se seguirmos Deleuze, ela só poderá ser a prática menor no interior de uma linguagem maior. Se considerarmos a produção construtiva por volume da cidade ibero-americana, veremos que são os arquitectos que produzem a menor quantidade de estruturas e de espaço construído da cidade, enquanto são os construtores dos bairros que produzem a maior parte. Assim, a operacionalidade da arquitectura como linguagem a menorizar radica principalmente em acções críticas sobre os seus valores estéticos – quer dizer, na sua relação com o poder, ou, como diriam os modernistas brasileiros, com a *bão tradição*, com essa tradição que delinea os contornos da boa sociedade. Se os arquitectos podem aprender alguma coisa com os construtores de favelas é o modo como estas permanecem frágeis, sem que isso seja fraqueza: a fragilidade construtiva que faz da favela uma obra em surgimento constante é qualquer coisa que os arquitectos começam já a incorporar, ainda que de modo insuficiente. Estando em construção permanente, as *barriadas* exibem as suas contradições à flor da pele e revelam uma construção estética colectiva, uma montagem expressiva sem autor a que a arquitectura resiste. O caminho a percorrer é difícil, uma vez que a ideologia do estilo unitário e representativo da mão do “arquitecto” como criador singular e autoritário está tão enraizada que um artefacto tão complexo

como um edifício, um artefacto que requer uma equipa de pessoas e profissionais, precisa ainda de ser identificado e reduzido a um único arquitecto. Objectar-se-á que, sem esta força homogeneizadora e controladora o resultado seria uma vaga desordenada de *kitsch* numa sinfonia sem tom nem harmonia. Talvez, mas temos de nos dar conta de que, por detrás de tais argumentos contra a dissonância e a heterogeneidade, se esconde a produção de simples objectos de consumo imediato, de uma arquitectura capitalizada pelo mercado e não por arquitectos.

■····· **Patricio del Real** realizou o doutoramento em História da Arquitectura e Teoria na Universidade de Columbia em Nova Iorque e o mestrado em Arquitectura pela Universidade de Harvard. É coeditor da antologia *Latin American Modern Architectures: Ambiguous Territories*, publicado pela Routledge, 2012, e actualmente trabalha no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque.